

Interfaces Literárias Cabo Verde - Rio Grande do Norte: ficcionalização da História em *Famintos*, de Luís Romano e *os Brutos*, de José Bezerra Gomes

Eidson Miguel da Silva Marcos*
Amarino Oliveira de Queiroz**

Resumo: Tendo em comum com o Brasil a experiência colonial portuguesa, o arquipélago africano de Cabo Verde apresenta um percurso histórico marcado pela busca de uma identidade nacional diferenciada da metropolitana, principalmente durante todo o século XX, período que corresponde a seu processo independentista. Tal fato poderá ser apreciado, inclusive, em alguns momentos de sua trajetória literária, tendo o Brasil desempenhado influente papel não apenas na conformação dessa manifestação estética nas ilhas, como também na constituição de um modelo de sociedade que parecia mais próximo ao da realidade ansiada pelos cabo-verdianos. O Estado do Rio Grande do Norte, por outro lado, carece de um (re)conhecimento mais consistente de sua trajetória histórica, assim como de uma discussão mais

* Professor de Literaturas de Língua Portuguesa graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciando em Letras – Espanhol e Literaturas pela mesma instituição. Mestrando em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba, com dissertação em andamento contemplando as literaturas cabo-verdiana e potiguar. Bolsista pesquisador do Projeto Interfaces Literárias Brasil-África da UFRN, campus de Currais Novos. Contato: eidson_miguel@hotmail.com

** Doutor em Letras - Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, com tese sobre as Literaturas Africanas de Línguas Portuguesa e Espanhola. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, com dissertação sobre as relações entre as poéticas da oralidade de matriz africana (embolada e rap). Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos. Contato: amarinoqueiroz@yahoo.com.br

abrangente a respeito de sua identidade cultural, sobretudo por parte de seus próprios atores sociais e da representação desses sujeitos na literatura que o Estado vem produzindo até o momento. No presente trabalho, contemplaremos recortes literários de ambas as realidades, elegendo como plataforma de observação os romances *Os Brutos*, assinado pelo potiguar José Bezerra Gomes e *Famintos*, de autoria do cabo-verdiano Luis Romano Madeira de Melo, com o intuito de identificar de que maneira se processa a interface história/ficção nas referidas obras.

Palavras-chave: Literaturas, identidades, discursos ficcional e histórico.

Resumen: Teniendo en común con Brasil la experiencia colonial portuguesa, el archipiélago africano de Cabo Verde presenta un recorrido histórico marcado por la búsqueda de una identidad nacional distinta a la metropolitana, principalmente durante todo el siglo XX, período que corresponde a su proceso de independencia. Este hecho podrá ser apreciado incluso en algunos momentos de su trayectoria literaria, habiendo Brasil desempeñado un influyente papel, no simplemente en la conformación de esa manifestación estética en las islas sino en la constitución de un modelo de sociedad que parecía más próximo al de la realidad ansiada por los caboverdianos. El estado de Rio Grande do Norte, por otro lado, carece de un más consistente (re)conocimiento de su trayectoria histórica, así como de una discusión más amplia al respecto de su identidad cultural, sobre todo por parte de sus propios actores sociales y de la representación de esos sujetos en la literatura que el Estado produjo hasta el momento. En el presente trabajo contemplaremos recortes literarios de ambas realidades, eligiendo como plataforma de observación las novelas: *Os Brutos*, firmada por el potiguar José Bezerra Gomes y *Famintos*, de autoría del caboverdiano Luis Romano Madeira de Melo, con el propósito de identificar de qué manera se procesa la interfaz historia/ficción en las referidas obras.

Palabras clave: Literaturas, identidades, discursos ficcional y histórico.

Luis Romano e José Bezerra Gomes, objetos desse breve estudo, são escritores lusófonos contemporâneos do século XX. Romano atuava no conturbado processo de busca de uma autonomia nacional para as ilhas cabo-verdianas, cuja administração colonial refletia práticas políticas alinhadas ao fascismo europeu. Bezerra Gomes produzia no âmbito de uma provinciana cidade do interior do Nor-

deste do Brasil que, a despeito de atravessar relativos momentos de fausto econômico, enfrentava também o domínio oligárquico local e, por conseguinte, o regime político mais duro instaurado a partir do Estado Novo e da ditadura militar.

Inseridos em correntes estéticas que propunham captar o contexto social, ambos os autores empreenderam verdadeiras leituras críticas de suas respectivas realidades. José Bezerra Gomes no âmbito do romance regionalista de 30 e Luis Romano por meio dos desdobramentos da estética claridosa. A rigor, o chamado Movimento Claridoso, deflagrado nas ilhas de Cabo Verde a partir de 1936 com a publicação do primeiro número da revista *Claridade*, tinha como um dos principais pressupostos políticos e estéticos a valorização da terra cabo-verdiana, sua identidade mestiça, sua língua e sua cultura crioula. Foi bastante influenciado pelo Regionalismo de 30, ao qual a obra de José Bezerra Gomes é, como dissemos, alinhada. O alinhamento do escritor Luis Romano à estética claridosa é objeto de discussão entre os estudiosos dessa corrente literária¹, muito embora entendamos que o referido autor poderá ser avaliado, no mínimo, como um continuador dessa proposta ao considerarmos, por exemplo, o próprio romance *Famintos*, ainda que o mesmo tenha sido publicado pela primeira vez quase três décadas depois.

Em *Famintos*, Romano nos teria legado “um documento sociológico, mais que (...) um romance propriamente falando” (CHALLENGAR, 1983, p. 17). No caso de *Os Brutos*, estaríamos diante da crônica do cotidiano de uma pequena localidade brasileira, que retrataria, por sua vez, uma faceta do próprio país. “O microcosmo de Currais Novos é a projeção do mundo” (CASTRO, 1998, p. 10).

No caso das literaturas africanas, torna-se importante e necessário atentar para o fato de que a apreciação crítica do texto literário

¹ Ver: Venâncio (1992).

“não poderá realizar-se de modo mais efetivo se o dissociamos de seu respectivo contexto cultural e político” (QUEIROZ, 2007:49-50). Nesse sentido, tentaremos demonstrar de que maneira se processa a interface história/ficção nas referidas obras.

Brasil e Cabo Verde apresentam, como se sabe, similitudes sócio-históricas e culturais. Como o Brasil, Cabo Verde foi colonizado pelos portugueses e teve sua formação nacional engendrada a partir da mestiçagem do elemento europeu com o africano, respectivamente nas condições de colonizador e mão-de-obra escravizada. Mas a conexão entre Brasil e Cabo Verde é ainda mais complexa, tendo a literatura brasileira, principalmente o chamado Regionalismo de 30 no Nordeste, contribuído para o desenvolvimento da moderna literatura do arquipélago:

o texto modernista de Manuel Bandeira, por exemplo, inspiraria dentro da literatura de Cabo Verde um momento identificado como Pasargadismo, por registrar em prosa e em poesia a problemática da emigração forçada pelas condições naturais adversas que impediam a fixação do homem cabo-verdiano à terra natal. (QUEIROZ, 2007, p. 94).

Conterrâneo de Romano, o escritor Manuel Brito Semedo (2001:254), num ensaio publicado em “África: Revista do Centro de Estudos Africanos” reitera esse raciocínio, afirmando que “é o conhecimento do Modernismo brasileiro e do romance nordestino, nos anos 30, que dinamiza o surgimento duma genuína literatura cabo-verdiana”. Ainda segundo Semedo:

o facto que terá levado os escritores cabo-verdianos a seguir o modelo brasileiro terá sido, não só a simultaneidade de uma explosão de uma literatura regionalista, como ainda a coincidência histórica, geográfica, social e cultural dessas duas realidades – o Nordeste Brasileiro e as Ilhas de Cabo Verde. (SEMEDO, 2001, pp. 254 e 264).

Por outro lado, conforme acentua a pesquisadora brasileira Simone Caputo Gomes, em análise a respeito da geração de autores cabo-verdianos que tiveram projeção a partir da revista *Claridade*, essa “interlocução com a literatura brasileira foi uma estratégia criativa que permitiu forjar uma idéia de futuro com uma distância necessária dos valores metropolitanos” (GOMES, S. C., 2008, p. 114). Dessa forma, a contribuição brasileira vai além da questão estética literária, indo até a construção de um ideário espiritual cabo-verdiano, pois:

Ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autônoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional, como os irmãos africanos de Angola, Moçambique, São Tomé e Guiné-Bissau – evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado. (GOMES, S. C., 2008, p. 112).

Daí podermos constatar que, ao tratar de literaturas africanas em geral e da literatura cabo-verdiana em particular, não estamos lidando com matéria alheia à nossa realidade ou à nossa história. Estamos, sim, (re)conhecendo as relações que nos ligam a outras culturas e relacionando essas alteridades à nossa própria identidade. No caso de Cabo Verde, estamos percebendo os desdobramentos que a cultura brasileira alcançou do outro lado do Atlântico, atentando para um dinâmico processo de circularidade dos saberes:

Cabo Verde que, como entreposto de escravos entre a África e o Brasil, nos séculos XV-XIX, transmitira a componente africana à cultura brasileira, recebe essa cultura de volta, de forma elaborada, no século XX, pela literatura, a circularidade histórica. (SEMEDO, 2001, p. 264).

(Re)conhecer, estudar e disseminar o trabalho intelectual de Luis Romano se apresenta como um dado significativo para o de-

envolvimento dos estudos comparados entre a literatura brasileira/norte-rio-grandense e as literaturas africanas/cabo-verdiana pelo fato de que esse autor, ao dedicar a maior parte de sua produção a motivos cabo-verdianos, também se debruçou sobre aspectos culturais brasileiros. Assim, podemos perceber na figura de Luis Romano um autor que estaria se aproximando do supranacional, no momento em que sua produção intelectual contempla duas realidades - a brasileira² e a cabo-verdiana - e onde ambas apresentam convergências históricas e culturais significativas³.

Luis Romano de Madeira Melo nasceu em 1922 na ilha de Santo Antão, uma das dez que compõem o arquipélago de Cabo Verde. Estudou e trabalhou parte de sua vida em seu país natal, onde presenciou a penúria da população frente ao flagelo da seca e a tirania da administração local. Militante da causa pró-autonomia de Cabo Verde, foi perseguido pela polícia política portuguesa e exilou-se no Brasil na década de 60, mais precisamente em Natal. No Rio Grande do Norte desenvolveu intensa atividade intelectual como ficcionista, poeta, etnógrafo e crítico literário, sempre mantendo importantes contatos políticos no Brasil e no exterior. Chegou a ser cônsul de Cabo Verde no Brasil, após a independência do arquipélago. Faleceu em janeiro de 2010, na capital potiguar, completamente ignorado.

Em *Famintos* (1962), seu único romance publicado em vida, Luís Romano apresenta um panorama da realidade que martiriza os cabo-verdianos. O autor realça em seu texto as mazelas provocadas pelo desequilíbrio das relações sociais, deixando visível aquela que parece ser uma de suas principais intenções enquanto escritor e cidadão: denunciar as estruturas de poder antidemocráticas e desumanas no

² Romano chegou a projetar o lançamento de um romance do salineiro nordestino intitulado "*Ar salgado*", o qual aparece 'em preparação' na edição do livro de poemas *Clima*, de 1963.

³ Ver Kabverd – civilização e cultura (2000).

Cabo Verde colonial, como deixa entrever a carta com a qual abre o supracitado romance:

IRMÃO

Que as cenas que vais ler neste livro retenham tua sensibilidade, como tão profundamente se estamparam no meu íntimo.

Que nelas encontres o teu drama – o drama de nós todos – e, te confortes, porque UM – SONHO – ESPERANÇA – é o ideal de tantos outros que alimentamos.

Que nestas objectivas vejas “casos” que ficaram desfeitos pela mentira de uma verdade e compreendas o pranto deste Negro-de-Lábios-Grossos como hino de amizade.

... nascidos na humildade da sua espécie os Sem-Nome baquearam na treva horrível.

Ligados pela mesma desdita, seus nomes fundem-se no silêncio que ainda fala por eles. (ROMANO, 1983, p. 41)

Famintos vai consistir na exposição de um série de episódios nos quais uma coletividade, os cabo-verdianos – representados por personagens-tipo como Crioulo, Mulato, Lúcio, Campina, Estudante, Damatinha, entre outros – protagonizam cenas de um cotidiano de pessoas arrasadas pela fome ocasionada pela seca e pela brutalidade da administração local, exercida também por cabo-verdianos. Alguns momentos da obra remetem, inclusive, à interferência da ideologia fascista representada pelos colonizadores, como podemos constatar no fragmento a seguir, que ilustra uma conversa entre os dirigentes políticos estrategicamente referidos como Mulato e Crioulo:

Ditador é um assombro, veja para êstes que vão morrer porque já não prestam e ainda sorriem! – a ponta do indicador mostrava a gravura estrangeira que chegara no correio da manhã. São leprosos que vão ser eliminados em câmaras de gases. Magnífica mentalidade! Organismo perfeito, não há dúvida, meu caro!

Crioulo limpou os óculos e acenou com a cabeça, examinando melhor enquanto Mulato prosseguia: – Esta gentalha do Povoado precisava ser liquidada assim, uma vez que já não presta para nada; porque (sic) razão perde-se um tempo precioso com êsse número avultado de cadáveres ambulantes.

– É verdade, está-se perdendo tempo e dinheiro com tanta imundície que nem já tem forma humana.

– A meu ver, remédio eficaz, seria uma boa metralhadora. (ROMANO, 1962, p. 65)

O processo de espoliação e alienação que as elites e as instituições políticas, religiosas e econômicas empreendem nas classes mais pobres é apresentado nas páginas de *Famintos*. É notória a intenção didática de denúncia onde se procura explicitar de forma contundente, e até mesmo com certo exagero grotesco, o funcionamento das estruturas sociais desiguais. Fato que possibilita o diálogo do texto literário com elementos extra-literários que foram, inclusive, objeto de crítica por parte de alguns estudiosos, os quais vislumbraram na veemência desse discurso um comprometimento e até mesmo um certo empobrecimento estético da obra.

Contemporâneo do Movimento Claridoso de Cabo Verde, o poeta, ensaísta e ficcionista José Bezerra Gomes (1911-1982) publicaria, em 1938, seu romance *Os Brutos*. Obra que teria iniciado um ciclo do algodão norte-rio-grandense, equivalente, no âmbito regionalista, aos ciclos da cana-de-açúcar e do cacau nordestinos, tendo como cenário sua cidade natal, Currais Novos, localizada no sertão do Seridó potiguar. José Bezerra Gomes nasceu em princípios do século XX na então Vila de Currais Novos, que crescia impulsionada pelo “ouro branco do sertão”, tendo a oligarquia algodoeira seridoense como força dominante no cenário político do Estado do Rio Grande do Norte. Presenciou o declínio dessa realidade e atravessou os tempos da ditadura militar, no qual conviveu com uma suspeita acerca de

sua postura político-ideológica⁴, retratando essa trajetória nas páginas de romances como *A porta e o Vento e Os Brutos*, do qual trataremos mais de perto a partir de agora.

Na pequena cidade de Currais Novos o jovem Sigismundo, narrador-personagem que pode ser identificado como um alter ego do autor, vive e observa várias situações cotidianas da pacata localidade sertaneja. Transitando entre o meio urbano, a casa dos tios Maria e Abdias num primeiro momento, e o meio rural, o sítio dos pais, num segundo, o narrador registra pormenores ligados ao comportamento, relações e mentalidade das pessoas que o circundam, legando assim um interessante panorama sócio-psicológico da época e do grupo social em questão.

Como em *Famintos* de Luis Romano, tal panorama também expõe o funcionamento das estruturas sociais que vigoravam na época e no lugar. O que fica bem marcado, por exemplo, na relação da família do narrador-personagem com o poderoso comerciante de algodão, seu Tota, para quem “Comprar algodão na folha era o mesmo que arrancar botija e não sabia mais o que possuía, tanto possuía” (GOMES, 1998, p. 20), e ainda para quem “Um ano de seca lhe rendia mais que um ano de safra, de fartura”, uma vez que “Fazia os melhores negócios pela hora da morte, tomando a terra dos seus devedores atrasados pelo preço que queria” (GOMES, 1998, p. 54), como procederia com os pais de Sigismundo. Mas, quem seriam *Os Brutos*? No dicionário de língua portuguesa de Dermival Ribeiro Rios encontramos a seguinte definição para o termo *bruto*: “adj. Rude; tosco; grosseiro; sem educação; inculto; descomunal; que está como saiu da natureza; bárbaro; completo, sem desconto; diz-se do sertão sem moradores; s.m. animal irracional; homem rude, sem educação”. (RIOS, s/d, p. 138).

⁴ Ver: Silva (2005).

Ao relacionarmos certos aspectos do romance – paisagem, personagens, foco narrativo – podemos depreender tal questionamento. Com relação à paisagem física, vemos que não se utiliza a clássica imagem do Nordeste seco e miserável, pois

O Seridó estava cheio de barreira a barreira. Na Rua do Rio, a água estava entrando nas casas. O açude do Governo tinha sangrado e a água subia, subia. (...)

Agora eram os algodoeiros que estavam florando e aca-sulando nos roçados. Fazia gosto se dizer como renascia na força e na esperança da safra. Algodão na folha estava dando um preção e haviam soltado tanto dinheiro nas feiras de Currais Novos que um homem das bandas da Zagareia tinha lavado o cavalo com cerveja e acendido um charuto com uma nota de cem mil-réis. (GOMES, J.B., 2005, p. 13).

Vemos nuances diversas das imagens clássicas da seca, ou de outras “mazelas nordestinas”, fortemente ligadas a um ideário fixado sobre a região, não sendo ela a principal responsável pelos problemas que vão afligir alguns personagens no romance, mas as desigualdades oriundas das próprias estruturas de poder existentes. Por exemplo, quando a falta de chuva faz com que família de Sigismundo tenha que se desfazer da propriedade e emigrar para São Paulo:

Seu Tota nem ao menos esperou que papai desocupasse o Alívio e começou a pôr gente sua no sítio. Damião era quem ia ficar tomando conta de tudo. Deu-lhe todos os poderes, até o de se mudar para o chalé, ainda com nós dentro dele. E o antigo feitor de papai agora dava ordens na sua cara e dentro daquela casa que sempre fora nossa (GOMES, J.B., 2005, p. 61)

As instituições públicas, através da educação oficial, também são captadas pela lente crítica do narrador-personagem Sigismundo, como podemos ver no capítulo 10, que trata da educação formal e de como as pessoas enxergam e se relacionam com essa educação:

Os meninos iam vindo todos de branco e as meninas de blusa branca e saia azul. Os pais vinham também para assistir. Dona Pureza trazia os três filhos: duas meninas e um menino que era o primeiro da classe e que lia corrente os jornais e escrevia bilhetes para a mãe assinar. Todo ano tirava medalha de ouro e era quem declamava a *Pátria*, uma poesia de Olavo Bilac (...)

Os presentes, quando ele terminava, batiam palmas. Dona Pureza, gorda e risonha, recebia felicitações. Os outros pais olhavam para ela sentindo inveja. E Dona Pureza pensava então que era a mulher mais feliz da terra, assim recebendo aplausos pelo filho, que era o primeiro da classe no aproveitamento e no comportamento.

Vinham os outros meninos e recitavam outras poesias. Era um dia de felicidade para todos os pais de família de Currais Novos. Os que não tinham filhos no grupo traziam os filhos assim mesmo para que vissem como a educação era bela. (GOMES, 1998, pp. 31-32)

A mentalidade reinante, tanto no aparelho burocrático quanto no seio da comunidade, é posta em cheque pelo “autor/narrador” através da sua exposição, ressaltando que um dos caminhos mais fortes para se chegar a essa interpretação é a relação entre o título da obra e o seu conteúdo apresentado pelo olhar do narrador-personagem. N’*Os Brutos* vemos tecida uma leitura de cunho crítico acerca da sociedade contemporânea do romancista, não em face ao declínio do fator de poder econômico, ou seja, o algodão, mas ainda em seu fausto, padecendo em meio àquilo que Candido (2006) chamou de “incultura paralisante”. No caso do romance, toda a comunidade de Currais Novos é tomada como personagem coletiva e representativa de um cenário mais amplo, uma faceta mesmo de todo o Nordeste brasileiro, de todo o Brasil. Uma comunidade presa a valores arcaicos e arcaizantes, instituições públicas incipientes e uma elite econômica insensível e inculta: este seria o quadro sugerido por José Bezerra

Gomes n' *Os Brutos*, sendo esse grupamento humano flagrado, por seus valores e formas de controle social, numa espécie de despreparo para lidar com mudanças contextuais mais radicais e, portanto, já fadado ao declínio.

O que se nos afigura é que tanto José Bezerra Gomes como Luis Romano procuraram captar, por meio de suas respectivas lentes literárias, os problemas que afligiam seus contextos sócio-históricos imediatos, promovendo assim o que estamos chamando de uma ficcionalização da História. Romano, em sua crítica contundente e assentada num tom que, lembrando Venâncio (1992), beira o grotesco, expõe de forma didática o funcionamento das estruturas socialmente desiguais que potencializam as mazelas sofridas por seus compatriotas cabo-verdianos, realçando-as através da voz de um narrador que se auto-referencia como Negro-de-Lábios-Grossos. Por outro lado, através do narrador-personagem Sigismundo, José Bezerra Gomes nos fornece um panorama social e psicológico da comunidade em que viveu, destacando todo o seu provincianismo e atraso cultural.

O nível da crítica e representação subjacente às duas obras comparadas fica bem marcado nos próprios títulos escolhidos: enquanto *Famintos* sugere um estado fisiológico do indivíduo, onde um Negro-de-Lábios-Grossos se reporta aos seus pares na condição de vítimas da fome, *Os Brutos* parece querer referir um estado psicológico, espiritual do ser humano. De fato, na obra de Luis Romano as estruturas sociais desiguais e a penúria da população configuram-se de forma explícita: pelo estômago. Toda uma fisiologia da fome é cruamente exposta pelo cabo-verdiano, enquanto que no romance de José Bezerra Gomes a 'incultura paralisante', a psique coletiva, a realidade psicológica/espiritual é sutilmente retratada.

Assim, percebemos que José Bezerra Gomes e Luis Romano, inseridos respectivamente no âmbito do Regionalismo de 30 e num processo que entendemos como continuador da experiência clari-

dosa, buscaram retratar criticamente, através das lentes literárias, seus respectivos contextos de atuação. Legaram, dessa forma, por meio da interface história/ficção, “documentos sociológicos” dos cenários humanos em que viveram. A aproximação entre os autores traz à tona a problemática de um discurso identitário que evidencia conexões históricas existentes entre ambas as realidades. Longe de querer esgotar a discussão e atentos às leituras diversificadas que o exercício crítico poderá suscitar, fica a seguinte proposição: se o Brasil, justamente por sua condição de ex-colônia portuguesa e país mestiço serviu como modelo para a assunção de uma identidade crioula para os cabo-verdianos - tendo na ficção e na poesia duas relevantes plataformas - questiona-se o que justificaria a persistência da manutenção, em Estados como o Rio Grande do Norte, de discursos que alienam da História e da Literatura a presença de atores outros que a construíram, a exemplo do negro e do índio, comprometendo assim a compreensão e a assimilação do real caráter mestiço de sua população em seus aspectos sócio-históricos e étnico-culturais.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, pp. 169-196.
- CASTRO, Nei Leandro de. Os Brutos: pioneirismo e atualidade (Prefácio). In: GOMES, José Bezerra. *Obras Reunidas: romances*. 2 ed. Natal: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2005, pp. 9 a 10.
- CHALENDAR, Pierrette et Gérard Chalendar. “Estrutura tipológica e alcance político de Famintos de Luís Romano”. In: ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.
- GOMES, Simone Caputo. “Cabo Verde e Brasil: um amor pleno e correspondido”. In: *Cabo Verde: Literatura em Chão de Cultura*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.
- GOMES, José Bezerra. Os Brutos. In: *Obras Reunidas: romances*. 2ed. Natal: EDUFRRN, 1998.
- MARCOS, Eidson Miguel da S.; QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Da África cabo-verdiana ao Nordeste potiguar: o escritor Luis Romano, invisibilizada presença.

Caderno de resumos. II Colóquio Internacional de Culturas Africanas – Griots. Natal: UFRN, 2011.

MARCOS, Eidson Miguel da S. QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *Entre Famintos e Brutos: Representação e Crítica Social em Luis Romano e José Bezerra Gomes*. Xique-Xique: Caderno de resumos do II Xirê das Letras: Giros de Resistência e Congresso Internacional de Línguas, Literaturas e Culturas Africanas e Afro-Americanas, 2011.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. *As Inscrituras do Verbo: dizibilidades performáticas da palavra poética africana*. Recife: UFPE, PGLetras, 2007. Tese de Doutorado.

RIOS, Dermalva Ribeiro. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. S. Paulo: Edipar, s/d.

ROMANO, Luis. *Kabverd: civilização e cultura*. Rio de Janeiro: Minerva Press, 2000.

ROMANO, Luis. *Famintos*. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

ROMANO, Luis. *Clima*. Recife: Imprensa oficial, 1963.

ROMANO, Luis. *Famintos*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1962.

SEMEDO, Manuel Brito. "O Modelo Brasileiro e a Literatura Moderna Cabo-verdiana. Estudo comparado". *África: revista do centro de estudos africanos*. USP, São Paulo, 22-23: 253-265, 1999/2000/2001.

SILVA, Vilma Nunes da. *Os Brutos: tradição literária e a memória cultural do Seridó*. Natal/RN: UFRN/CCHLA/PPGEL, 2005.

VENÂNCIO, José Carlos. *Literatura e Poder na África Lusófona*. Lisboa: Ministério da Educação Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.